



DUPLO NÓ: O DISCURSO MÉDICO E A CULPABILIZAÇÃO DAS MULHERES NAS PROPAGANDAS DE REVISTAS FEMININAS (1930-1950)

Lilia Simões Barbosa de Figueiredo

A política adotada pelo Estado Novo na década de 1930, estendendo o poder do Estado para gerenciar e controlar grupos “socialmente problemáticos”, a preocupação em desenvolver uma política nacionalista voltada para as idéias de identidade, raça e unidade social, é um contexto exemplar de como as idéias sobre eugenia podem e de fato entrelaçaram as políticas públicas do país neste período. A convocação da população criava uma idéia de identidade nacional, o desejo na verdade era o de se tornar uma nação próspera.

São idéias já pensadas na reforma sanitária de 1925, mais conhecida como reforma Paula Souza, em alusão ao seu promotor, a política de saúde ganhou uma nova concepção, cujo ponto central é a educação dos indivíduos. Com isso, explica Ribeiro, “a pratica sanitária, o policiar as coisas, o vigiar a cidade ganhava um novo aliado, a persuasão do individuo, o uso das palavras para forjar o individuo a consciência sanitária”¹.

O psiquiatra Mario Yahn exaltava a importância de esclarecimento da população. “Muito mais do que isso, educar e influir, em naturais oportunidades, para que o educando tenha e queira ter um constante comportamento favorável a si, a família e a sociedade, ante um objetivo comum: a defesa, a conservação e o aperfeiçoamento do ser humano”².

“Dissemina-se dessa forma a idéia de que a grandiosidade e o fortalecimento da nação entravam em relação direta com a perfeição física e moral do seu povo”³. Para tanto baseavam suas pesquisas e propaganda em dados preocupantes. Além de tudo terminavam entrando em assuntos que até então era do âmbito privado. “Com a eugenia a sexualidade passou a fazer parte do discurso médico e educacional. Para as moças eugenia significava maternidade digna com ênfase na saúde materna”⁴. Um numerador comum dessas ciências médicas era a família e consequentemente a mulher. As mães eram as genitoras e educadoras daqueles que seriam o futuro do país, esse é o papel social que a mulher recebe neste contexto.

Fig.1 Revista: *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1483, 18 de novembro de 1943

¹ RIBEIRO, M. A. *Histórias sem fim... Inventário da saúde pública*. Ed. UNESP, Janeiro. Ed Imago, 1996

² YAHN, M *Higiene Mental e Saúde Pública*. Gráfica e editora EDIGRAF. São Paulo. 1955

³ BOARINI, M.L. *Higienismo, Eugenia e a naturalização do social*, in *Higiene e Raça como Projetos*. Ed Maringá, 2003.

⁴ STEPAN, N. L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na America Latina*. Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2005.



Em uma conferência realizada por Pacheco Silva, sob o patrocínio da ação cívica feminina em 29 de abril de 1933, ele convoca e enaltece o lugar da mulher na sociedade: “Da vossa ação, da vossa sagacidade, da vossa ternura e ao mesmo tempo da vossa energia e da vossa autoridade, muito depende o nosso destino neste momento tão grave da vida brasileira”.⁵

Em um trecho do capítulo: Causas Negativas para a aceitação da Gestação, Mario Yahn se refere à mãe solteira como uma fora da lei, natural e social. “Tratra-se de uma mulher que gerou um filho ilegal e ilegitimamente. É considerada como tendo saído das linhas socialmente recomendáveis. Como consequência, tendo muito mais necessidade de proteção do que a mulher socialmente estável. Durante os períodos de gestação, é rejeitada, acusada”.⁶

Fig 2. Revista: Jornal das Moças , Rio de Janeiro, nº 1483, 18 de novembro de 1943

⁵ Pacheco e Silva. A C. A mulher paulista no atual momento brasileiro. Oficinas gráficas do hospital de Juquerí. São Paulo 1933

⁶ YAHN. M Higiene Mental e Saúde Pública. Gráfica e editora EDIGRAF. São Paulo. 1955



As teses sobre descrições anatômicas do corpo masculino e feminino e a idéia de que um adiciona algo ao outro, ou seja, cada corpo tinha uma característica anatômica distinta e propícia para determinada função social, existiam na Europa desde o século XIX. “Em 1830 o médico J. J. Sachs explicava que a complementaridade física levava a uma complementaridade social: para ele, o corpo masculino expressaria um vigor positivo, moldando o entendimento e independência masculina e equipando o homem para a vida em sociedade, para as artes e para a ciência. Já o corpo da mulher expressaria a suavidade e os sentimentos femininos. A ampla pélvis determinaria a mulher para maternidade. Os membros frágeis e a pele delicada seriam prova da estreita esfera de atividade feminina, da vida doméstica e da paz de uma vida familiar”.⁷

Para Pacheco essas diferenças eram evidentes e oriunda dos primórdios da vida na terra. “O homem esta dotado por sua natureza para trabalhar fisicamente e para resistir com tenacidade a fadiga corporal. Sua estrutura endócrina e nervosa o torna menos sensível aos assédios afetivos e mais apto a criação mental. Compreende-se, assim, que haja uma grande diferença entre os caracteres funcionais peculiares a cada sexo”.⁸

Fig. 3. Ilustração. Revista: Almanaque da Saúde da Mulher. nº 10.003, 23 de setembro de 1940.

⁷ NUNES, S. A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade

⁸ Pacheco e Silva. A C. A mulher paulista no atual momento brasileiro. Oficinas gráficas do hospital de Juquerí. São Paulo 1933



O texto remete a idéia de fragilidade do corpo feminino⁹.

Por meio de uma comprovação científica bem fundamentada coloca-se a fragilidade como parte do “ser” mulher, tornando-se um ideal que vai atravessar os séculos. Desse ponto de vista, qualquer atividade feminina de qualquer cunho cultural, sexual e social, fora do que lhe era propício, era encarada como atitudes masculinas fora da normalidade.

Por esses e outros motivos, na virada do século, a sexualidade feminina vai constituir inúmeras páginas da ciência sexual. A psiquiatria por motivos de comportamento e higiene vai se ocupar bastante do assunto calcando nessa fase o conceito médico de perversão. “Perverso seria qualquer tipo de relação sexual fora dos padrões daquela época e a mulher por representar mais emotividade e insensatez estariam mais próximas das perversões”.¹⁰ No prontuários do Sanatório Pinel de Pirituba¹¹ também aparecem alusões a comportamento sexuais femininos, sempre tidos com exagerados ou fora do comum como no caso de M.P.A. No exame físico o médico diz: “Tem insomnia rebelde, manifesta idéias eróticas, procurando segurar e beijar os que della se aproximam”.¹²

Tendo em vista que o papel social da mulher era a reprodução, muitas políticas eugênicas concentravam-se nelas. A política nacionalista prezava pela união familiar e uma boa educação das crianças, já que estas seriam a próxima geração a administrar e formar a futura sociedade brasileira.

⁹ Comentário meu.

¹⁰ NUNES, S. A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade

¹¹ Os prontuários estão a disposição no arquivo de Estado de São Paulo. Os documentos datam de 1929 a 1944.

¹² Caso 01, 1929, lata 1, ordem 9574



Durante as primeiras décadas do século XX uma série de leis e estatutos foram aprovados e colocados em prática. Um deles foi assinado por Getúlio Vargas no ano de 1939, e teria sido estruturado no ministério de Capanema. “O estatuto previa que os pais de família tivessem preferência em investidura e acesso a todos os cargos e funções públicas”, na competição com os solteiros ou casados sem filhos, exceto em cargos de responsabilidade. Mais ainda, o artigo 14 previa que: “O Estado adotara medidas que possibilitem a progressiva restrição da admissão de mulheres nos empregos públicos privados. Não poderão as mulheres ser admitidas senão aos empregos próprios da natureza feminina, e dentro dos estritos limites da conveniência familiar”.¹³

O caso de A.S.M, 35 anos. Evidencia como a construção e a penetração dessas ideologias no cotidiano passavam a fazer parte das emoções e sentimentos de algumas mulheres e de algum modo influir em suas frustrações. No prontuário lemos: “Ela, que até então evitava até certo ponto ter muitos filhos, começou a ter remorsos disso, procurando por todos os meios se penitenciar dessa falta”.¹⁴

A partir do momento em que esse paradigma passa a fazer sentido ele é interiorizado e passa a ser considerado normal¹⁵. É munida desse suporte teórico biológico que o Estado e a Medicina montaram as bases de seus investimentos no comportamento da sociedade e neste caso da mulher. É sabido que durante o Estado Novo a publicidade foi uma ferramenta para infiltração de ideologias, e as propagandas direcionada as mulheres eram elaboradas em cima e para instituir esses valores. Nas revistas *Vida e Saúde*, *Jornal das Moças* e *Almanaque da Saúde da Mulher*, os enfoques publicitários são em grande maioria dedicados a mulheres de uma classe alta e media que podiam se dedicar somente a família, a beleza física e a casa.

Fig. 4. Propaganda de pomada. Revista: *Almanaque da Saúde da Mulher*. nº 10.003, 23 de setembro de 1940.

¹³ Schwartzman S. & Bomeny H M B & Costa V M R. *Tempos de Capanema*. Paz e Terra. São Paulo, 2000.

¹⁴ Caso 87, 1930, lata 3 ordem 9578

¹⁵ Conclusão minha, baseada na citação tirada de: CHAUI, M. *Repressão sexual essa nossa desconhecida*. Ed brasiliense, 1984.



A educação feminina tornava-se ponto chave para a medicina, pois “através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A “nova mulher”, submetida a tutela medica, além de se constituir como agente familiar da higiene moral tornava-se o estandarte da moral da sociedade. Dessa forma as normas medicas deveriam ser transmitidas pelas mães as filhas. “Existia uma preocupação intensa com as mulheres que transgrediam o modelo de esposa-mãe. Criticava-se aquelas que não cuidavam bem do filho seja por que seriam mulheres da má índole, negligentes e egoístas, mais preocupadas com os prazeres da vida mundana, em nome do trabalho ou de uma atividade produtiva intelectual”.¹⁶

O texto de apresentação da revista *Jornal das Moças* trás logo nas primeiras páginas:

“Vamos trazer para estas colunas o que de melhor soubermos ou encontrarmos noutras fontes de grande saber. Procurando orientar a mulher em sua mais nobre missão na terra, esforços e sacrifícios não nos deterão”¹⁷

A medicina condicionava também a sexualidade feminina. Esta desvinculada completamente da palavra prazer e estritamente ligada a natureza biológica, a procriação. Isso fazia com que a vida sexual dessas mulheres fosse restrita quase ao extremo. “No tempo em que os métodos anticoncepcionais eram poucos ou nada praticados, o período em que a mulher tinha direito ao coito era mínimo”.¹⁸

Existiu nesse momento uma série de novas regras e padrões que deveriam ser adotados pela sociedade e particularmente pelo sexo feminino com a promoção da idéia de bem-estar social e civilidade. A medicina assim desenvolvia a idéia de que as mulheres erravam por ignorância, porém, apesar de terem cometido irresponsabilidades, elas no fundo desejavam o melhor para sua

¹⁶ NUNES, S. A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade

¹⁷ Texto: Evangelho das mães. Revista: *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1246, ano XXV, 4 de maio de 1939, página 17.

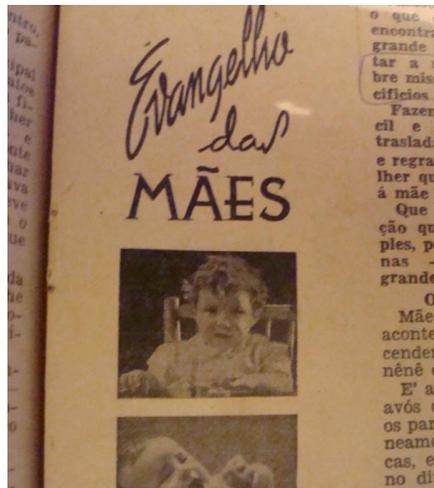
¹⁸ COSTA, F. J. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Ed Graal, 1999



família e filhos, aquilo que a medicina tinha certeza do que era correto e bom. Transferia-se então todo tipo de responsabilidade em relação a família, saúde e sexualidade para as mãos delas, podendo medir sua ignorância, recompensar os acertos e punir seus erros. Geralmente as publicidades referentes a saúde da família eram compostas pela figura da mãe. Qualquer tipo de desvio de comportamento fosse dos maridos ou dos filhos, era porque a mulher se distraiu, se ainda não casou, falta-lhe algo, e outras inúmeras idéias em periódicos, como este publicado na Vida e Saúde, por exemplo:

“Apesar do ideais, cada mãe deve aceitar o facto de estar a vida cheia de irritações e incômodos, zombarias e incompreensões, e deve considerar que sua atitude, em face dessas situações, determinará em alto grau a plenitude o êxito que obterá como mãe”¹⁹

Fig 5. Vida e Saúde, São Paulo. n° 4, ano 11, maio de 1949



Em outro prontuário do Pinel encontra-se o caso de uma mãe marcada pela culpa por conta da desclassificação de seu filho em um concurso de robustez infantil. No relato do marido ao médico ele conta que L.G.B, “ficara muito chocada por ter sido desclassificado um seu filhinho que estava inscrito em um concurso... começou a pedir aos clínicos da cidade onde reside que lhe atestassem as qualidades do filho”.²⁰

O tema da educação era recorrente e na maioria das vezes de responsabilidade das mães de família. Acreditava-se tanto nesse papel da mulher e em sua capacidade de acolhimento e instrução que eram recrutadas e bem-vindas em empregos onde poderiam desempenhar o papel de educadoras, essa era a sua “missão”. A sociedade calcada na família será fundamentada no amor, e a mulher se torna a pedra de toque de todo o sistema: educa a criança e forma o homem.

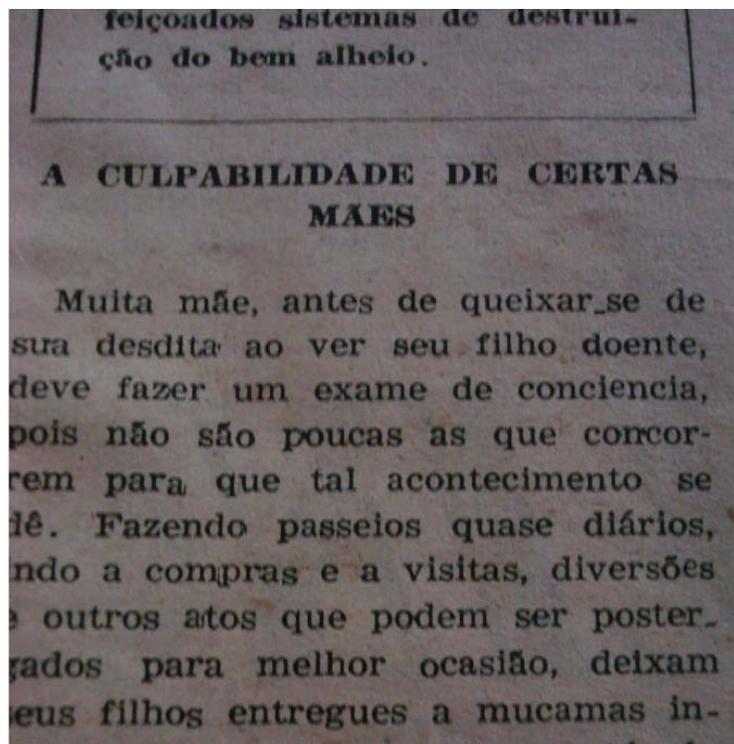
¹⁹ Texto: A mãe ideal. Revista: Vida e Saúde, São Paulo. n° 4, ano 11, maio de 1949, página 3.

²⁰ Caso 1854, 1937-1939, lata 51, ordem 9626



A intensa preocupação com as crianças, sua saúde e sua educação fazia com que aparecesse um responsável direto pelo fracasso dessas expectativas. Esse discurso medico penetrava nas mídias fazendo parte do cotidiano. A mulher burguesa do século XX deveria ser o exemplo começando principalmente dentro de casa. Esperava-se bastante dessa figura idealizada e a responsabilidade pelos erros e acertos eram entregues em suas mãos. O corpo deveria ser resguardado para não despertar os excessos da sexualidade masculina. A casa limpa manteria a família saudável, a atenção, cuidados e educação fariam dos filhos adultos saudáveis e brasileiros exemplares

Fig 6. Trecho de uma nota. Revista: *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1483, 18 de novembro de 1943.



Nessa nota culpam as mães pelo possível adoecimento dos filhos²¹.

Bibliografia:

²¹ Comentário meu.



- BOARINI, M.L. Higienismo, Eugenia e a naturalização do social, in *Higiene e Raça como Projetos*. Ed Maringá, 2003.
- BUITONI, D. S. *Imprensa Feminina*. Ed Ática, 1990.
- BUITONI, D. S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 1980
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Civilização brasileira. 2003
- CHAUI, M. *Repressão sexual essa nossa desconhecida*. Ed brasiliense, 1984
- COUTO, R.C.C de M. *Eugenia, loucura e condição feminina*. Tese de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 1994
- COSTA, F. J. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Ed Graal, 1999
- CUNHA, M. C P. *O espelho do mundo*. Juquery a história de um asilo. Paz e Terra. 1988
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1997
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984
- GUIMARÃES FILHO, A. *Da higiene mental e sua importância em nosso meio*. São Paulo: FMSP, 1926
- HEILBORN. M. L. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In *Uma questão de gênero*. Rosa dos tempos, 1992.
- IZILDA, M. Delineando corpos. As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930), in *O corpo feminino em debate*. Ed UNESP, 2003.
- KEHL R. *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933
- NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade
- PACHECO e SILVA A C. *A mulher paulista no atual momento brasileiro*. Oficinas gráficas do hospital de Juquerí. São Paulo 1933
- PACHECO e SILVA A. C. *Problemas de Higiene Mental*. Oficinas Gráficas do Hospital de Juquerí. São Paulo 1936.
- PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher, in *O corpo feminino em debate*. Ed UNESP, 2003.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar*. Paz e Terra. 1985
- RAGO. M Os prazeres da noite. Tese de doutorado UNICAMP, 1990.
- RIBEIRO, M. A. Histórias sem fim... Inventário da saúde pública. Ed. UNESP, 1993
- SCHWARTZMAN S. & Bomeny H M B & Costa V M R. *Tempos de Capanema*. Paz e Terra. São Paulo, 2000.
- SOARES. L. C. Rameiras, ilhoas, polacas... Ática. 1992
- SOARES, L.C & DALBEN, A. A Revista Vida e Saúde: Modos de Olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940-1950). Revista Pensar a Prática, vol 11. número 3. UFG, 2008.
- STEPAN. N. L. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na America Latina. Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2005. STEPAN. N. L. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na America Latina. Rio de Janeiro. FIOCRUZ, 2005.
- STEPHANOU, M. Praticas formativas da medicina: manuais de saúde e a formação para a urbanidade. *Véritas*, Porto Alevgre, v-43, n. especial. Dez 1998
- YAHN. M *Higiene Mental e Saúde Pública*. EDIGRAF. São Paulo. 1955